

Recebido em mai. 2013

Aprovado em ago. 2013

**AS ILUSTRAÇÕES DE VIDAS ABSURDAS SEGUNDO
ALBERT CAMUS**

DANILO RODRIGUES PIMENTA *

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar as três ilustrações de vidas absurdas expostas por Albert Camus em *O mito de Sísifo*, assim, farei uma breve exposição da concepção camusiana de absurdo, para posteriormente analisar as figuras de Don Juan, do ator e do conquistador, a fim de concluir que essas ilustrações de vidas absurdas são estilos de vidas fiéis à absurdidade da existência.

PALAVRAS-CHAVE

Absurdo. Don Juan. Ator. Conquistador.

* Doutorando em Educação na UNICAMP, na Área de Concentração em Filosofia e História da Educação, com o projeto “Por uma estética pedagógica de Albert Camus”. Mestre em Filosofia pela UFOP, na Área de Concentração em Estética e Filosofia da Arte, nesta ocasião realizou pesquisa sobre “A criação absurda segundo Albert Camus”. Bacharel em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.

ABSTRACT

This article's proposition is to analyze the three illustrations of absurd lives exposed by Albert Camus in *The Myth of Sisyphus*. Therefore, I shall do a brief exposal of the camusian conception of absurdity, to then analyze the figures of Don Juan, the actor and the dangler, in order to reach the conclusion that such illustrations of absurd lives portray life styles which are faithful to the absurdity of existence.

KEYWORDS

Absurdity. Don Juan. Actor. Dangler.

INTRODUÇÃO

Em *O mito de Sísifo* Albert Camus nos mostra que há duas maneiras de constatar a absurdidade da existência humana, pela sensibilidade e pela razão. Sendo a primeira denominada sentimento do absurdo e a segunda noção do absurdo. Em poucas palavras pode-se dizer que o sentimento do absurdo é a experiência sentida pelo homem ao se perguntar pelo sentido da vida, ao se perguntar se há uma razão para existir, ou seja, ao se interrogar se há um motivo profundo para viver. Tudo começa com a consciência, que, por sua vez, pode surgir em qualquer homem e em qualquer momento. “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater o rosto de um homem qualquer” (CAMUS, 1965a, p. 105). É nesse momento privilegiado que o homem apreende a natureza humana por meio de uma experiência sentida perante o horror, a miséria e os males do mundo. A partir desse momento, é descoberta pela sensibilidade, a desarmonia entre o homem e o mundo. Esse divórcio entre o homem e o mundo, entre o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo.

A nobreza desse grande sentimento está em seu começo ridículo. Entretanto, esse começo ridículo é o semblante da condição metafísica do homem. Um dos fatores que colabora para o despertar desse sentimento é a densidade do mundo. Isso provoca uma estranheza e até uma hostilidade do mundo. Esse mal-estar diante do mundo é propriamente o sentimento do absurdo, é o semblante da condição metafísica do homem percebida pela sensibilidade que revela a miséria de nossa condição ontológica.

É relevante ter em mente que a absurdidade da existência também pode ser verificada pela inteligência. A primeira providência do pensamento, afirma Camus, “é distinguir o verdadeiro do falso”¹ (CAMUS, 1965a, p. 109). A constatação existencial do homem é que há uma contradição entre ele e o mundo², pois ele percebe que seu profundo desejo, “a exigência de familiaridade, o apetite de clareza” (CAMUS, 1965a p. 110), não é correspondido, ou seja, o apetite de clareza nunca será plenamente saciado. Essa desproporção, a aspiração por racionalidade e o mundo indizível é o que Albert Camus denomina noção do absurdo. O absurdo está na relação de seus termos – homem e mundo. O absurdo não se situa nem no homem nem no mundo, mas na relação de confronto entre ambos, “em sua presença comum, viabilizada pela consciência” (PIMENTA, 2004, p. 47), isto é, na relação entre a inteligência e o cosmo. Essa nostalgia de unidade ilustra o movimento essencial do drama humano (CAMUS, 1965a, p. 110). O homem pode apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso poderá captar o mundo (CAMUS, 1965a, p.112). Portanto, nota-se que o homem é estranho a si

¹ Isso, na primeira parte do *Discurso do método*, Descartes chamou de bom-senso, essa faculdade inata que é comum a todos os homens: “o poder de julgar bem e distinguir o verdadeiro do falso, que é o que se denomina propriamente de bom-senso ou razão, é natural e igual a todos os homens” (1985, p. 30).

² “O conceito de mundo aqui é usado num sentido estritamente cartesiano: tudo o que não é da ordem da consciência faz parte do mundo” (HENGELBROCK, 2006, p. 55).

mesmo e ao mundo³, Meursault, protagonista e narrador de *O estrangeiro*, é essa personificação do absurdo, estranho a si e aos valores morais do mundo.

É dessa maneira que a inteligência diz que o mundo é absurdo, que nem tudo está claro, pois “o universo é indecifrável” (CAMUS, 1965a, p. 113). Agora, evidenciada pela inteligência, a inadequação ontológica entre o homem e o mundo, “o sentimento do absurdo se esclarece e torna-se mais preciso” (CAMUS, 1965a, p. 113). Essa evidência, ratificada pela razão, como foi afirmado, Camus designa de noção do absurdo. Todavia, as verdades sensíveis são mais profundas do que as ratificadas pela inteligência. A inteligência investiga o que já foi constatado pela sensibilidade, visto que a noção do absurdo é “uma elevação do que a sensibilidade já mostrou” (GUIMARÃES, 1971, p. 47). Logo, a noção do absurdo não traz nenhuma novidade. Como afirmou Guimarães, “o aparecimento do absurdo pela inteligência nada tem de espetacular” (GUIMARÃES, 1971, p. 53).

O sentimento do absurdo diferencia-se da noção do absurdo, porém essa diferença não exclui uma relação entre ambos. A sensibilidade percebe o sentimento de mal-estar diante da existência e a razão investiga esse sentimento que emerge de uma experiência existencial, assim Camus procura uma “justificativa intelectual para a ‘sensibilidade absurda’” (BARRETO, 1971, p. 45).

³ Para Camus, “o ‘conhece-te a ti mesmo’ de Sócrates tem tanto valor quanto o ‘sê virtuoso’ de nossos confessionários” (CAMUS, 1965a, p. 111).

O sentimento do absurdo não é mesma coisa que noção do absurdo. O sentimento o funda, é tudo. Também não se resume a isso, a não ser no rápido instante que traz consigo sua decisão sobre o universo (CAMUS, 1965a, p. 119).

Os termos essenciais que configuram o absurdo são três: homem, mundo e a contradição entre ambos. A junção desses termos Albert Camus chama de “singular trindade”⁴ (CAMUS, 1965a, p. 120). Temos, em primeiro lugar, o homem com sua exigência de clareza e de unidade, em segundo lugar, um mundo irracional (CAMUS, 1965a, p.117), “um universo indizível, no qual reinam a contradição, a antinomia, a angústia ou a impotência” (PIMENTA, 2004, p. 47) e, em fim, em terceiro lugar, temos o confronto entre o mundo indizível e o desejo de clareza e unidade. Portanto, a trindade é, em si mesma, contradição (CAMUS, 1965a, p. 109). Não compreendemos⁵ o mundo, nada está claro, o apetite de clareza não é saciado em um universo onde reinam o caos e a contradição. Um mundo compreensível é um mundo

⁴ Trindade é um termo de cunho religioso que declara Deus como sendo uno e trino ao mesmo tempo, o que “é impossível”, “é contraditório” (CAMUS, 1965a, p. 120), assim como o absurdo. Camus não ignora o pensamento cristão, a prova disso é o constante uso de termos religiosos em sua obra: “o absurdo é um pecado sem Deus” (CAMUS, 1965a, p. 128), “transcendência” (CAMUS, 1965a, p. 122, 131), “singular trindade” (CAMUS, 1965a, p. 120), além de seu trabalho sobre Plotino e Agostinho, *Métaphysique chrétienne et néoplatonisme*, para obtenção de Diplôme d’Études Supérieures.

⁵ “Compreender é antes de tudo unificar” (CAMUS, 1965a, p. 110).

confiável, um mundo familiar, “um mundo que se pode explicar, ainda que com más razões é um mundo familiar” (CAMUS, 1965a, p. 101), assegura Camus em seu ensaio sobre o absurdo. A experiência encontra o caos onde almeja encontrar a ordem. De um lado, o homem, de outro, a natureza, que nessa dualidade se converte num paradoxo, por isso é afirmando no *Mito* que “querer é suscitar paradoxo” (CAMUS, 1965a, p. 112). Portanto, o espírito busca unidade e encontra o absurdo.

O espírito, despertado por essa exigência, procura e nada encontra além de contradições díspares. [...] Mas esses homens proclamam que nada é claro, tudo é caos, os homens só mantêm sua clarividência e o conhecimento preciso dos muros que o cercam (CAMUS, 1965a, p. 117).

Portanto, percebemos que essa desarmonia é a necessidade fracassada de encontrar um sentido. Em outras palavras, o conteúdo que o homem pretende dar a sua existência nunca será preenchido. Queremos tornar tudo claro, mas os limites da razão não o permitem. A desejada unidade “não pode realizar-se por impossibilidade estrutural da própria razão” (HENGELBROCK, 2006, p. 49). Segundo Carlos Eduardo Guimarães, “o mundo não se deixa abarcar pela racionalidade e contraria toda ordem e clareza que queiramos lançar. [...] O mundo não é racional. E dizendo isto, queremos significar, apenas, que não se deixa reduzir às dimensões humanas” (GUIMARÃES, 1971, p. 55). Assim, independente do caminho escolhido sempre chegamos ao absurdo.

DON JUAN

A partir da dupla constatação, a ausência de sentido da vida e sua contínua manutenção, Albert Camus procura elaborar modos absurdos de existência, onde são ilustradas “as múltiplas facetas possíveis da ética do homem que se descobriu absurdo” (SILVA, 2009, p. 65). Mas “o que é de fato um homem absurdo?” (CAMUS, 1965a, p. 149). É justamente essa questão que buscaremos responder neste artigo. Adiantando o que veremos a seguir, um homem absurdo é aquele que consegue viver sem apelo e satisfazer-se com o que tem.

Seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível prossegue sua aventura no tempo de sua vida. Este é seu campo, lá está sua ação que ele subtrai a todo juízo exceto ele próprio. (CAMUS, 1965a, p. 149).

No *Mito* são fornecidas ilustrações⁶ de homens absurdos: o amante, o comediante e o conquistador. Por ora, ocupar-nos-emos do amante, expresso pela figura de Don Juan, um exagerado amante da vida, um homem consciente de sua condição que segue uma vida dedicada às alegrias sem futuro. Na segunda parte de *O mito de Sísifo*, Albert Camus coloca em prática o *ethos* do absurdo, ou seja, uma ética da quantidade, na qual o que interessa é amar mais. Entendemos por

⁶ O amante, o comediante e o conquistador são ilustrações de homens absurdos, não modelos de homens absurdos (CAMUS, 1965a, p. 150).

ethos uma mentalidade formadora do caráter a qual fundamenta a conduta de vida do homem absurdo. O sedutor não coleciona mulheres, pois todo amor é passageiro e singular⁷. Nesse “exercício do reiterado desafio do amor fugaz, o homem absurdo ganha seu prêmio, isto é, sua própria ética” (GERMANO, 2007, p. 177).

Poderia o amor dar sentido à vida? Certamente não. Caso o sentido da existência estivesse no amor, ela, a vida, não seria absurda. O que acontece é exatamente o contrário, “quanto mais se ama, mais o absurdo se consolida” (CAMUS, 1965a, p. 152). Don Juan não procura o sentido profundo das coisas, ele procura viver mais, sem almejar viver profundamente a qualidade de suas conquistas. Ele sabe que a profundidade da experiência desilude, esse é o motivo dele substituir a qualidade pela quantidade.

⁷ Segundo Soren Kierkegaard há três esferas da existência: a estética, a ética e a religiosa. A figura que representa o estágio estético é Don Juan, esse sedutor que busca desregradamente o prazer. “*Viver apenas para o instante*: uma das características do estágio estético. O estético acompanhando seu bem-estar é obrigado – *o prazer é breve e passa logo* – a nele procurar incessantemente outro, como Don Juan que, após ter usufruído uma mulher, é levado a outra e depois outra” (LE BLANC, 2003, p. 56. Grifos no original.). Tanto para Camus como para Kierkegaard cada conquista desse sedutor é um trampolim para outra, porém, diferente do dinamarquês, Camus nada procura além da satisfação sensível. Para Kierkegaard não há moral no estado estético, pois a vontade do esteta não está sujeita à lei moral, considerando que a ética está em outra esfera da existência (LE BLANC, 2003, p. 56-58). Já, para Camus, há uma ética nessa ilustração de homem absurdo.

O sedutor examinado aqui não procura mulheres por falta de amor ou em busca de um amor total. Ele as ama, simplesmente. Ele “precisa repetir essa doação e esse aprofundamento” (CAMUS, 1965a, p. 152), o que é benéfico tende a se multiplicar. Esse sedutor possui inteligência e não tem esperança. É a inteligência que conhece suas fronteiras e seus limites (CAMUS, 1965a, p. 152), “é um grande engano pretender ver em Don Juan um homem que se nutre do Eclesiastes” (CAMUS, 1965a, p. 153). Ele não crê em outra vida. Essa, a única que existe, completa-o, por isso, não deseja perdê-la e busca desfrutar dela o máximo possível, pois “as experiências são equivalentes aos olhos da revolta” (LUPPÉ, 1951, p. 30). Assim, para Albert Camus, o incessante desejo de Don Juan, o conduz ao “reencontro do gosto infinito do amor fugaz” (GERMANO, 2007, p. 177), caracterizando “uma aposta contra o próprio céu” (CAMUS 1965a, p. 153), na exata medida em que os amores desse sedutor são efêmeros e singulares, sempre renovados a cada experiência amorosa.

Don Juan [...] busca a saciedade. Se abandona uma bela mulher, não é de maneira alguma porque não a deseja mais. Uma bela mulher é sempre desejável. Mas acontece que, nela, deseja outra, o que não é a mesma coisa (CAMUS, 1965a, p. 153).

É incoerente vê-lo como alguém que evolui a cada conquista por carência amorosa. As mulheres são amadas por ele com equivalente intensidade, e por esse motivo busca repetir suas experiências (SILVA, 2009, p. 65-66). Don Juan busca a quantidade de prazeres, só isso o interessa (CAMUS, 1965a, p. 153). Entretanto,

haveria algum problema moral nesse sedutor mulherengo? Segundo Vicente Barreto, o problema moral é resolvido de uma forma direta e subjetiva.

Existem pessoas que agem errado procurando observar regras morais. A honestidade do homem absurdo não está na obediência de regras convencionais, mas sim no respeito às normas que ele próprio dita. Todas as morais são baseadas na idéia de que um ato tem obrigatoriamente conseqüências. O homem absurdo aceita com serenidade essas conseqüências e está pronto a pagar por elas. O espírito absurdo não procura regras morais, mas simplesmente imagens das vidas humanas (BARRETO, 1971, p. 56).

O homem absurdo, baseado em suas experiências, leva a sério as conseqüências de seus atos. Dessa maneira, ele pondera o que deve ou não fazer. O absurdo não é alheio à moral, “absurdo e moral não são, de modo nenhum, valores que se excluem” (HENGELBROCK, 2006, p. 98). Porém, a moral camusiana não segue cânones obrigatórios, ou seja, uma lei moral abstrata. O *ethos* do absurdo é uma atitude que não se perde em leis universais, visto que ele delinea a vida concreta, ou seja, a vida que temos.

Não são, então, regras que o espírito absurdo pode buscar ao fim do seu raciocínio, mas sim ilustrações e o sopro de vidas humanas. [...] Eles [homens absurdos] prosseguem o raciocínio absurdo dando-lhe sua atitude e seu calor (CAMUS, 1965c, p. 150).

O amante, o comediante e o conquistador são ilustrações de homens absurdos e, conseqüentemente,

ilustrações de *ethos* do absurdo, que, por sua vez, não sugerem obediência às regras morais universais. Na existência, há necessidade de decisão, cujas consequências o homem intimamente está ligado, visto que a moral absurda não tira de ninguém o peso de sua decisão. Não podemos esquecer que “existe também a possibilidade de escolher a revolta contra o absurdo da existência, de modo a que se contraia uma obrigação em relação a uma coisa ou a uma pessoa e nos mantenhemos fiéis a essa obrigação” (HENGELBROCK, 2006, p. 99), agindo dessa maneira por ser fiel ao próprio pensamento absurdo, e não por acreditar em uma lei moral que lhe é estranha.

Para compreendermos melhor o *ethos* proposto por Camus temos que saber com quem o franco-argelino dialoga. Seu interlocutor, neste momento, é Immanuel Kant⁸. Sabemos que, para o filósofo das três *Críticas*, a essência da lei moral é sua universalidade. A desconfiança camusiana é que, em nome da universalidade, a moral esqueça os reais problemas da existência. A razão, para Kant, exige a universalidade e essa exigência apresenta a lei moral, que assume forma de imperativo. Todos os imperativos expressam o que se deve e o que não se deve fazer, indicando, portanto, um dever.

Don Juan é um sedutor lúcido, afirma Camus, “é um sedutor comum. Com uma diferença: é consciente, e, portanto, é absurdo” (CAMUS, 1965a, p.

⁸ Camus não faz citação de Kant. Mas a inexistência de citação não demonstra a inexistência de um diálogo. Sobre a relação entre Kant e Camus cf. Hengelbrock (p. 80, p. 87, p. 95, p. 100, p. 104-105).

154). Ou seja, ele tem defeitos como outros quaisquer, todavia com um diferencial, tem consciência e nisso o difere dos outros, ele não esconde de si o horror de sua realidade. É um homem que não se separa do tempo, isto é, do presente, rejeita o passado e a esperança, seus amores são experiências vividas e esgotadas. “Amar e possuir, conquistar e esgotar” (CAMUS, 1965a, p. 156), esse é seu modo de vida. Notemos que “Don Juan tem uma relação muito intensa com o momento mas não quer que esse momento permaneça porque nada espera dele” (HENGELBROCK, 2006, p. 102). Sua vida é um migrar de momento a momento, de vivência a vivência, de conquista a conquista.

Por isso, cada uma delas espera lhe oferecer o que ninguém nuca lhe deu. Em todas as vezes elas se enganam profundamente e só conseguem fazê-lo sentir necessidade dessa repetição. ‘Por fim’, exclama uma delas, ‘te dei o amor’. Não surpreendente que Don Juan ria dela: ‘Por fim? Não’ – diz ele –, ‘outra vez’ (CAMUS, 1965a, p. 152).

Portanto, o sedutor leva sua vida, de momento em momento, amando cada mulher “com todo seu ser” (CAMUS, 1965a, p. 152). Porém, seu amor não se limita a uma única pessoa, “é ridículo representá-lo como um iluminado em busca de um amor total” (CAMUS, 1965a, p. 152). Para Don Juan, a entrega total limita a capacidade de vivências e experiências, para ele o presente é o único momento privilegiado, no qual é possível realizar a ação e a conquista.

Uma mulher apaixonada tem necessariamente o coração seco, porque afastado do mundo. Um único

sentimento, um único ser, um único rosto, mas tudo acaba devorado. É outro amor que faz Don Juan estremecer, e este é libertador. Traz consigo todos os rostos do mundo e seu tremor provém de saber-se perecível. Don Juan escolheu não ser nada (CAMUS, 1965a, p. 155).

Ele escolheu ser nada porque não tem nada a perder. Ao exibir a finitude como um elemento que constitui a condição humana, resta ao homem absurdo “a tentativa – frustrada de antemão – de ultrapassar a vanidade das experiências existenciais por uma simples repetição” (SILVA, 2009, p. 66). Consciente da absurdidade da existência, ele sabe que tudo já está perdido (HENGELBROCK, 2006, p. 103). Compreende ainda que o amor unilateral é empobrecedor, pois o amante perde sua fascinação pelo amado, “perde a riqueza resplandecente de uma personalidade multidimensional” (HENGELBROCK, 2006, p. 103). Notamos que a possessão dá lugar à generosidade, visto que a consciência absurda nos livra desse querer possuir os outros. Tudo isso faz parte do *ethos* referido anteriormente. Não seria sensato afirmar que a ética da quantidade é obtida por meio da possessão do amado. Camus ainda nota que “também aqui o homem absurdo multiplica o que não pode unificar. Assim, descobre uma nova maneira de ser que o libera tanto quanto libera os que dele se aproximam. Não há amor generoso senão aquele que se sabe ao mesmo tempo passageiro e singular” (CAMUS, 1965a, p. 155). O pensamento absurdo não permite que algo seja decidido pelos outros, “a libertação dos outros não é um

objectivo [...] mas é muito mais um efeito secundário” (HENGELBROCK, 2006, p. 105. *Sic*). Como afirmou Emanuel Germano, “a profundidade e generosidade do amor fugaz está na abnegação total e em sua gratuidade fundamental pois ele não visa nada, nenhuma ilusão, não possui nenhuma esperança, afora a vivência do segundo” (GERMANO, 2007, p. 178).

Portanto, a ética da quantidade camusiana é proposta no momento em que é proposto o *ethos* do absurdo. “O que Don Juan põe em prática é uma ética da quantidade, ao contrário do santo, que tende à qualidade” (CAMUS, 1965a, p. 154). Há, nesse amante, a necessidade de renovação de experiências, cada experiência é um trampolim para outra. Não existe a conquista definitiva, assim como não existe a experiência definitiva “pois todas exigem o máximo e preparam-nos por isso mesmo para outra aventura” (BARRETO, 1971, p. 56). Don Juan encontra na fatura dos amores vividos a sua realização. Com isso o identificamos como uma personificação da tragédia do absurdo, visto que “a vida significa muito para ele, pois nela ele se repete e com isso vive a sua situação absurda” (BARRETO, 1971, p. 57). O amor, passageiro e singular, alimenta o gosto de viver, pois, “para o homem absurdo o amor é como qualquer outra experiência, nada de infinito ou de eterno” (ESPÍNOLA, 1998, p. 63). Nem mesmo a paixão é eterna⁹.

⁹ Vale ainda ressaltar que essa personificação do absurdo “recusa toda forma de esperança, inclusive a saudade” (ESPÍNOLA, 1998, p. 62).

Don Juan não pensa em “coleccionar” mulheres. Esgota seu número e, com elas, suas possibilidades de vida. Coleccionar é ser capaz de viver no passado. Mas ele rejeita a nostalgia, essa outra maneira de esperança. Não sabe contemplar os retratos (CAMUS, 1965a, p. 154).

A consciência do absurdo, sua rejeição do suicídio e a paixão de viver, a plena aceitação de si, é o que caracteriza a tragédia do homem absurdo. Percebemos que “sua tragédia, como a de Sísifo, está na consciência. Não existiria tortura se ele não conhecesse toda extensão de sua condição miserável” (CAMERINO, 1999, p. 199-120). O homem em si mesmo não é trágico, mas uma vida pode ser vivida de modo absurdo, desde que seja mediada pela consciência. Portanto, não é sensato considerar o fenômeno trágico como algo necessário e universal (BORNHEIM, 1975, p. 72).

Don Juan não espera um futuro extraterreno, ele “vive a sua vida sem preocupar-se com o que irá acontecer depois da morte” (BARRETO, 1971, p. 56). A vida significa muito para esse sedutor, nela há a constante repetição e dessa maneira ele pode viver sua vida absurda, a única que existe. O que interessa não é a esperança em outra vida, mas estar vivo e o número de satisfações que nessa vida podem ser obtidas, pois “a substância vasta deste mundo encontra-se voltada à morte e à ruína. Para que haveremos de guardar prazer para mais tarde? Enquanto esperamos, consumimos a nossa existência e morremos todos irremediavelmente. [...] Gozemos, portanto.” (CAMUS, 1965b, p. 440), afirma Camus em *O homem revoltado*.

Logo, percebemos que ele não crê em nenhuma forma de perenidade.

Portanto, o recurso para o homem absurdo é ser fiel ao *ethos* do absurdo, isto é, seguir a vida com a ética da quantidade, com sua paixão de esgotar o que é conquistado e indiferente aos valores morais tradicionais. É dessa maneira que ele é levado “a substituir a qualidade das experiências pela quantidade” (RIBEIRO, 1996, p. 200). Semelhante a Sísifo com sua pedra, o herói que disse “sim” (CAMUS, 1976b, p. 197) a seu destino apesar de não acreditar no sentido profundo das coisas. Essa é uma característica própria do homem absurdo. Enfim, a crença na absurdidade da existência equivale a substituir a qualidade das experiências pela quantidade. O que importa não é viver melhor, mas viver mais. A análise do donjuanismo é relevante para destacar o homem perante a temporalidade no absurdo, destacando ainda a privação de esperança, a apatia ao futuro e a paixão pelo presente, o momento privilegiado da ação e da conquista. Vale lembrar ainda que uma vida maior não pode significar outra vida, nem mesmo essa eternidade ridícula que chamam posterioridade (CAMUS, 1965a p. 149).

● ATOR

A segunda ilustração de homem absurdo¹⁰, em *O mito de Sísifo*, é o ator. O espetáculo é uma maneira de “capturar a consciência” (CAMUS, 1965a, p. 158)

¹⁰ As ilustrações que se seguem são derivadas da exposição sobre o donjuanismo, mas ressaltando as particularidades que lhe são próprias.

ao olhar para si mesmo, porém, adverte Camus, “não digo que os atores em geral obedeçam a tal chamada, que sejam homens absurdos, mas sim que seu destino é um destino absurdo que poderia seduzir e atrair um coração clarividente” (CAMUS, 1965a, p. 91). Como salientou Vicente Barreto, “nem todos os atores são homens absurdos, mas, todos participam de forma mais ou menos consciente de um destino absurdo, dependendo do grau de consciência. Eles vivem o momento” (BARRETO, 1971, p. 58). Sendo seu reino o perecível, de todas as glórias a sua é a mais provisória. Para Camus, todas as glórias são perecíveis, não apenas as do ator. O pensador franco-argelino nos fornece um exemplo: “Dentro de dez mil anos as obras de Goethe terão se transformado em pó e seu nome estará esquecido” (CAMUS, 1965a, p. 158). Desse modo, o ator diante da perecibilidade, volta-se para o imediato, a fim de viver a glória menos enganosa¹¹. Como observou Espínola, “a glória do ator é um tipo de glória experimentável em vida e ele tem consciência de quanto ela é efêmera” (ESPÍNOLA, 1998, p. 64). Já o escritor tem esperança em uma glória futura, que um dia seu talento seja reconhecido. Entretanto, para o ator não há esperança, sua obra é ou não reconhecida no instante de sua apresentação, desse modo percebemos que “o ator tem por excelência um destino absurdo” (ESPÍNOLA, 1998, p. 64).

O escritor por mais medíocre que seja sempre alimenta a esperança de que um dia reconhecerão

¹¹ “De todas as glórias que nos são dadas a menos enganadora é aquela que se vive” (BARRETO, 1971, p. 58).

o seu gênio. O ator tem sucesso ou não. O ator deseja atuar e ser reconhecido agora e aqui. A representação durante o curto espaço de tempo de uma peça de vidas maravilhosas, de grandes destinos faz com que o ator seja o herói absurdo. O destino absurdo do ator reside na sua identificação com as vidas por ele representadas, mostrando como não existe fronteira entre aquilo que um homem quer ser e aquilo que ele é (BARRETO, 1971, p. 58).

Ao contrário do escritor, o ator não conserva a esperança. Um escritor, mesmo desconhecido, tem a expectativa que sua obra, um dia, dará testemunho do que ele foi. Do ator, nada permanecerá, seus gestos, sua respiração, seu hálito, não chegarão às futuras gerações¹². Seu legado é consumido no instante de sua apresentação (GERMANO, 2007, p. 180), “no máximo uma fotografia” (CAMUS, 1965a, p. 159) chegará às gerações posteriores. O ator, escolhendo o instante, opta por uma glória que se consagra e se experimenta a cada apresentação. “Para ele, não ser conhecido é não representar e não morrer sem vezes” (CAMUS, 1965a, p. 159), isto é, a cada apresentação, visto que, “dentro do curto espaço de tempo de um espetáculo, o ator faz o caminho que o homem leva a vida toda para fazer” (ESPÍNOLA, 1998, p. 65). Isto é, “a vida do actor não é mais que as inúmeras formas e destinos que representa no palco” (HENGELBROCK, 2006, p. 107. *Sic*), onde é possível “realizar inúmeras vezes as possibilidades de existir” (GERMANO, 2007, p. 179),

¹² Vale lembrar que Camus refere-se ao ator de teatro, não ao de cinema.

sendo que ao representar é vivenciado uma infinidade de vidas e isso o faz “o herói absurdo por excelência” (HENGELBROCK, 2006, p. 107).

O ator precisa de três horas para ser Iago ou Alceste, Fedra ou Gloucester. Neste breve período, ele o faz nascer e morrer em cinquenta metros de tábuas. Nunca o absurdo foi tão bem ilustrado, nem por tanto tempo. Que síntese mais reveladora poderíamos desejar senão essas vidas maravilhosas, esses destinos únicos e completos que se cruzam e terminam entre umas paredes e durante algumas horas? (CAMUS, 1965a, p.159).

Camus traduz o ator como o “mímico do perecível” (CAMUS, 1965a, p. 160) e, nesta arte, o corpo é fundamental, pois é por meio dele, o corpo, que é vivenciada a experiência do absurdo. Todavia, o corpo é insuficiente. Máscaras, maquiagem e vestimentas são utilizadas para melhor representar os mais diferentes heróis, porém “o corpo torna-se objeto principal” (BARRETO, 1971, p. 58) para descrever a paixão, a felicidade, a tristeza, o ódio, a alegria etc. Nisto, o ator se contradiz, pois “o mesmo e entretanto tão diferente, tantas almas resumidas num só corpo” (CAMUS, 1965a, p. 161), mas não há problema, visto que uma das características do absurdo é ser em si mesmo uma contradição (CAMUS, 1965a, p. 119-120). Essa “multiplicação herética das almas” (CAMUS, 1965a, p. 161) em um mesmo corpo leva a Igreja condenar tal profissão por ser vista como a negação do eterno (ESPÍNOLA, 1998, p. 66). “Entrar na profissão era escolher o inferno. E a Igreja via neles seus piores

inimigos. Alguns literatos se indignavam: ‘como negar a Molière os últimos socorros!’” (CAMUS, 1965a, p. 162. *Sic*). Citando Nietzsche, sem indicar a fonte, diz Camus, “o que importa não é vida eterna, mas a eterna vivacidade”.

Portanto, podemos identificar em cada cena a ética da quantidade, visto que “encontramos no ator a obstinação de tudo querer viver e tudo querer atingir. A experiência é sem futuro” (BARRETO, 1971, p. 59), não desistindo dos personagens que ainda representaria. Dessa maneira, notamos que nada justificaria abandonar essa vida, seja por meio do suicídio físico ou desistindo de atuar¹³. Enfim, enquanto na figura de Don Juan há a constante realização de experiências amorosas, “o ator procura fazer o mesmo por meio da repetição quantitativa de experiências pela incorporação dos personagens” (SILVA, 2009, p. 67), por isso, Hengelbrock afirma que “filosoficamente, o actor não traz nada de novo” (HENGELBROCK, 2006, p. 106. *Sic*). Enfim, o ator é um homem absurdo que não desiste de representar, pois abandonar o palco seria uma forma de suicídio, isto é, a morte para o palco, seria o pior castigo, não a excomunhão por parte da Igreja. Portanto, ao ser fiel à sua arte, ele é fiel ao absurdo (BORRALHO, 1984, p. 269).

O CONQUISTADOR

A terceira ilustração de homem absurdo é a figura do conquistador. Apesar de nosso pensador não definir o que é o conquistador, ele o descreve mostrando

¹³ Desistir de atuar seria uma forma de suicídio (CAMUS, 1965a, p. 162).

que certamente não se trata de uma conquista militar. A conquista camusiana, tratada na segunda parte do *Mito*, não é a conquista territorial, “mas uma luta do homem contra seu destino” (MAGHAMES, 2003, p. 14), pois ele é alguém consciente de sua condição metafísica que procura dela escapar.

O conquistador, como Don Juan e o ator, escapa de si próprio. Don Juan escapa de si próprio em outras pessoas; o ator em papéis teatrais; e o conquistador procura atingir os últimos limites da condição humana no mundo e vive de acordo com os resultados dessa aventura intelectual (BARRETO, 1971, p. 59).

Afirma Camus, “no fim da vida, o homem percebe que passou anos confirmando uma única verdade. Mas só uma, se é evidente, basta para guiar sua existência” (CAMUS, 1975b, p. 164), e nossa época e suas atrocidades evidenciam uma verdade: o absurdo.

Antes de nossa época, os homens podiam definir o que era virtude para a sociedade e o indivíduo, entretanto, vivemos um tempo de violência, de massacre do humano, privados de paz, o que torna difícil a defesa destas virtudes, mas a constatação das dificuldades do nosso tempo não pode levar o homem a cruzar os braços; temos que escolher entre a contemplação e a ação (ESPÍNOLA, 1998, p. 67).

Albert Camus apresenta o homem como ele realmente é: “ridículo e humilhado” (CAMUS, 1975b, p. 165). É por esse é o motivo que ele tanto se preocupou com o homem. Entre a história e o eterno, Camus escolhe a história. Isto é, entre a contemplação

e a ação, Camus escolhe a ação, não há meio termo. “Isso se chama tornar-se homem” (CAMUS, 1965a, p. 165), ou seja, ter consciência de sua condição e lutar contra ela, mesmo sabendo da inexistência de vitória definitiva. Todavia, “não pensem que pelo fato de amar a ação precisei desaprender a pensar” (CAMUS, 1965a, p. 164), ressalva Camus. O franco-argelino recusa viver acreditando no eterno: “Há Deus ou o tempo, a cruz ou a espada. Ou este mundo tem um sentido mais elevado que ultrapassa suas agitações, ou somente essas agitações são verdadeiras” (CAMUS, 1975b, p. 165). Privado do eterno, e a fim de ver com clareza, o conquistador procura aliar-se ao tempo. Ele “exalta e arrasa” (CAMUS, 1975b, p. 165) o homem ao mesmo tempo, proporcionando ao homem seus direitos. “Mesmo humilhada, a carne é a única certeza” (CAMUS, 1965a, p. 166), por isso, a escolha pela luta absurda. Segundo as palavras deixadas no *Mito*, a conquista “está no protesto e no sacrifício sem futuro, e também aqui, não por causa do gosto da derrota. A vitória seria desejável. Mas só há uma vitória e ela é eterna” (CAMUS, 1965a, p. 166). Portanto, a conquista trata-se de uma reivindicação do homem contra seu destino, é o destino à sua frente que o conquistador desafia, “menos por orgulho do que por consciência de nossa condição sem perspectiva” (CAMUS, 1965a, p. 168).

Assim é o conquistador, um homem consciente de seu tempo e do momento histórico em que ele está inserido. “Percebe e compreende o momento histórico e com ele se identifica suportando toda sua tragédia” (BARRETO, 1971, p. 59), tendo consciência que não há

causas vitoriosas, apenas causas perdidas e por elas – as causas perdidas – está disposto a lutar. Certo da impossibilidade de tocar o eterno e certo da impossibilidade de alguma certeza por essa via, o conquistador procura desafios mais emergentes e reais, ou seja, enfrentar sua própria condição humana. Não é sem razão que as igrejas, divinas ou políticas, são contra o conquistador, pois todas elas pretendem o eterno (CAMUS, 1965a, p. 167) e as verdades do homem absurdo estão às suas medidas, podendo tocá-las e senti-las.

Existe a possibilidade de escolher o que está distante, o que não pode tocar, mas para o conquistador, não existe essa opção. Ao negar o eterno e escolhendo a ação, ele faz sua escolha existencial. Ele escolhe o homem. “Ele libera o indivíduo das cadeias em que se encontra e através dele os homens receberão os seus direitos. Ele se realiza na medida em que consegue agir como se estivesse refazendo o próprio homem” (BARRETO, 1971, p. 60). Porém, ele sabe que seu esforço é inútil, sem futuro, absurdo. Sua luta é um protesto consciente que jamais alcançará a completa vitória.

O conquistador é o homem revoltado que luta contra sua própria condição, mesmo consciente da inexistência de vitória definitiva, “consciente de tudo isso, ainda luta contra tudo que oprime o homem” (ESPÍNOLA, 1998, p. 67), isto é, não desiste de sua luta, do fardo que tem que carregar.

Não pensem, porém, que isso me agrada: diante da contradição essencial, sustento minha humana contradição. Instalo minha lucidez no meio daquilo que a nega. Exalto o homem diante daquilo que o

esmaga, e minha liberdade, minha rebeldia e minha paixão se unem nessa tensão, nessa clarividência e nessa repetição desmedida (CAMUS, 1965a, p. 166).

Sendo a vida absurda, o salto à instância superior deve ser negado, assim, resta ao homem uma atitude coerente perante sua condição, a revolta. Consciente da absurdidade da existência o homem negará tudo aquilo que o esmaga, mas essa negação converte na afirmação do próprio homem. Pois o revoltado se revolta contra seu destino injusto, contra sua condição ontológica. “O não, frente a seu destino, se transformará na afirmação da dignidade humana, negando a existência do eterno, afirmando a relatividade de tudo, afirmando o seu direito à felicidade do hoje, consciente que não existe amanhã” (ESPÍNOLA, 1998, p. 68). Portanto, de uma vida consciente segue-se uma vida revoltada, ou seja, em um protestar consciente.

A consciência dá grandeza à revolta. Enfrentar uma realidade que oprime, sabendo que não poderá alcançar a vitória, é grandioso. É a própria medida do valor do homem. Saber-se finito e viver. Ter plena consciência do sem-sentido e viver. Limitar-se ao relativo e abandonar o absoluto, agir, lutar, empenhar-se sem nada esperar de definitivo e sem ao menos perguntar para que. Assim é o homem e, assim, pode orgulhar-se de sua condição. Vivendo, despreza uma criação que não é a sua medida. O que derrota faz ao mesmo tempo sua vitória (GUIMARÃES, 1971, p. 60).

Ideologias e igrejas aspiram ao eterno e são intransigentes, exigindo de seus adeptos “a concordância total com suas idéias” (ESPÍNOLA, 1998, p. 69), por isso não são simpáticos ao conquistador.

“As igrejas e partidos desconfiam do conquistador. Este sabe que a caridade ou salário, a verdade ou a justiça são usadas como fins secundários, que escondem as verdadeiras ambições. O herói camusiano trata com coisas concretas e por isso ninguém pode usá-lo para construir uma igreja ou um partido” (BARRETO, 1971, p. 60-61). Em nome de promessas, de um futuro promissor, de uma sociedade justa, as ideologias massacram o homem. Usando as palavras de Espínola, “as doutrinas enfraquecem o homem, tiram-lhe o peso da própria vida, peso este que o homem absurdo sabe ser necessário carregar sozinho” (ESPÍNOLA, 1998, p. 69).

CONCLUSÃO

Na análise camusiana das três ilustrações de vidas absurdas, percebemos que elas simbolizam, cada uma a sua maneira, um estilo de vida absurdo (CAMUS, 1965a, p. 169). Don Juan é sedutor que não coleciona mulheres, pois ele sabe que todo amor é efêmero e singular, por esse motivo não procura viver a qualidade de suas conquistas, mas a quantidade. Ele privilegia o presente, rejeitando o passado e não crê no amanhã. Suas experiências amorosas são vividas e esgotadas com necessidade de renovação. O amor para ele não é uma experiência infinita ou eterna. O ator vive o momento, seu reino é o perecível, e sua glória é efêmera. Ele não conserva a esperança, pois seu legado é consumido no instante de sua apresentação e nesse instante é apresentado, também, múltiplas possibilidades de existir. Essa figura é traduzida por Camus como um “mímico do perecível” (CAMUS, 1965a, p. 160) e dessa maneira é vivenciada sua

experiência absurda. E, por fim, o conquistador é descrito como um homem forte e seguro de viver consciente a absurdidade, de viver constantemente essa grandeza, consciente e revoltado. E, para que um homem seja absurdo faz-se necessário a lucidez de sua própria condição. “O conquistador é um homem absurdo porque ele é consciente de seus limites, de sua força e de sua luta constante, visto que seu destino permanece sempre o mesmo” (MAGHAMES, 2003, p. 15). Logo, essas três figuras sabem “viver à medida de um universo sem futuro e sem fraqueza” (CAMUS, 1965a, p. 170). E mais, a grandeza dessas figuras está em sua lucidez, na experiência da ética da quantidade e no protesto contra sua própria condição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Vicente. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor S.A., 1971.

BORNHEIM, Gerd. Breves considerações sobre o sentido e a evolução do trágico. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BORRALHO, Maria Luiza. *Camus*. Porto: Rés, 1984.

CAMERINO, Luciano Caldas. Albert Camus, pensador trágico. *Ética e filosofia política*. Juiz de Fora: UFJF, 1999. Vol, 4, n 1, janeiro/junho. Revista do departamento de filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe. Essais*. Paris: Gallimard, 1965a.

_____. *L'homme révolté. Essais*. Paris: Gallimard, 1965b.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Apresentação e comentários de Denis Huisman. Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília: UnB, 1985.

ESPÍNOLA, Maria Cristina de Oliveira. *Albert Camus: para uma ética da solidariedade*. Londrina: UEL, 1998.

GERMANO, Emanuel Ricardo. *O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus*. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado).

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HENGELBROCK, Jürgen. *Albert Camus: sentimento espontâneo e crise do pensar*. Trad. Maria Luisa Guerra, Ivone Kaku. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.

LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LUPPÉ, Robert. *Albert Camus*. Paris: Temps Présent, 1951.

MAGHAMES, Rita. *Le dépassement de l'absurde chez Albert Camus*. Kaslik: Université Saint-Esprit de Kaslik, 2003. (Dissertação de Mestrado).

PIMENTA, Alessandro. *A ética da revolta em Albert Camus*. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Hélder. *Do absurdo à solidariedade: a visão do mundo de Albert Camus*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

SILVA, Gabriel Ferreira da. *Esculpir com argila: Albert Camus – uma estética da existência*. São Paulo: PUCSP, 2009. (Dissertação de Mestrado).